

A contribuição da psicanálise para a paz e para a organização social de um povo: reflexões psicanalíticas sobre a figura e função do pai^[1]

Miguel Sayad^[2]

Em 2005, na sua comunicação sobre barbárie e civilização, Ney Marinho (2005) indagou sobre os “motivos obscuros” que levaram a psicanálise a afastar-se dos estudos dos grupos humanos, “num estranho insulamento na psicologia individual” (p. 5).

A partir de 1923, aos 67 anos, após sentir-se à beira da morte e ser salvo graças a uma dolorosa cirurgia, Freud experimentou uma significativa mudança em seus interesses ligados à psicanálise, mudança que ele designou como um “desenvolvimento regressivo”, pois, “após um longo *détour* pelas ciências naturais, medicina e psicoterapia, retornei aos problemas culturais que fascinaram-me muito antes” (Freud, 1925/1975, p. 72).

Uma das maneiras efetivas da psicanálise de contribuir para a paz e a diminuição da violência e intolerância é o estudo e a análise da figura do pai, sua relação com a mulher e, particularmente, com os próprios filhos e com a sua comunidade. Este estudo deve contemplar as formas inconscientes de transmissão, de geração a geração, do preconceito, da violência e da intolerância.

Complementarmente, deve procurar também desconstruir as figuras míticas, religiosas e heroicas de um povo, determinadas pela idealização e projeção do pai violento e onipotente da infância, idealizações como de um filho pequeno em relação a seu pai. Como um povo, não necessariamente pequeno, idealiza seus mitos heroicos.

Na preparação desta minha apresentação, fui tomado pelo impacto da vinda a Cabo Verde, ou desta reflexão que, desde Maputo, me colocou face a face com mitos

1. Cosme Velho, Rio de Janeiro/RJ, 3 de agosto de 2021: A desconstrução devida à passagem súbita e inesperada, sem preâmbulos – seca, firme e forte – cria possibilidades para que pensamentos flutuantes, emotivos, nos ancoram, e os ancorados e contidos nos soltem; abrem-se caminhos, novas vias de reflexão e de pensamento espontâneo e livre. Mas estamos, claro, partindo de uma concepção: o título e tema deste trabalho.

Trabalho apresentado no VI Congresso Comunidade Médica de Língua Portuguesa, II Congresso Internacional da Ordem dos Médicos de Cabo Verde e VIII Congresso da Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa, de 2013, em Cabo Verde, no painel “Saúde mental, psicanálise e cultura”.

2. Médico. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

poderosos que me acompanharam por toda infância: a África negra e assustadora.

O mito da escuridão da razão e da impulsividade incontida dos negros africanos, mito determinado pelo preconceito e pelo ideal de pureza e superioridade racial na visão eurocêntrica do mundo, apoiada e instrumentada pela figura de pai expressa no Velho Testamento bíblico. O pai onipotente.

A clareza da razão ocidental, a evolução do poder e o iluminismo europeu parecem ter ocasionado ou convivido com a destruição em nome do pai em níveis inaceitáveis.

A minha apresentação gostaria de ser uma contribuição pessoal, ainda que incompleta, à nossa reflexão conjunta em busca não apenas de maior compreensão, mas de maior capacidade de suportar, em paz e sem violência, a nossa impossibilidade de entender e aceitar. Compreensão no sentido de tolerar o não compreender e, ainda assim, continuar a discussão pacífica, enfrentando a tentação da cortina de silêncio.

“Construir pontes de compreensão deve ser o objetivo da psicanálise nestes tempos difíceis” (Esposito, 2002, citado por Awad, 2003, p. 153, tradução livre), “transmitindo às novas gerações o que nós aprendemos” (H. Parens, comunicação em congresso, 2007) e “abrindo novos espaços seguros para discussão” (A. Mahfouz, comunicação em congresso, 2007).^[3] Estas são três citações condensadas, de três colegas que trabalhavam pelo desaprender a intolerância há até pouco tempo no Comitê da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) junto à Organização das Nações Unidas (ONU), comitê do qual eu ainda faço parte.^[4]

Passemos a umas poucas e bem focadas reflexões que apresentarei na ilusão de que possam ser úteis neste nosso ideal comum de busca pela paz.

A psicanálise e sua contribuição para a paz

- 1) Psicanálise aplicada à terapia individual.
- 2) Aplicação da psicanálise na universidade e no circuito cultural – os programas de rádio e ação nas comunidades carentes e os projetos de ação psicanalítica na educação em comunidades pobres e violentas. Por exemplo, o Programa de Psicanálise e Interface Social (Propis) e um projeto de rádio difusão desenvolvidos na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
- 3) Difusão da psicanálise nas áreas de relações internacionais, particularmente nas políticas de intervenção pós-traumas extremados. Por exemplo: a experiência da participação da Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (Aperj) nos programas de extensão do curso de relações internacionais da Universidade Candido Mendes (Ucam).
- 4) Intervenção nas políticas públicas de educação e saúde mental a propósito da imago e função do pai e da mãe na relação com as crianças. Por exemplo: o Congresso Psicanalítico de Maputo, organizado pela SBPRJ em abril de 2011

3. Ambas as comunicações de Parens e Mahfouz ocorreram durante o IPA 45th Congress, de 2007, em Berlim. Para mais conteúdo relacionado a esse tema, cf. Parens et al. (2007).

4. Fazia na época desta comunicação.

em conjunto com o Ministério da Saúde de Moçambique e a Universidade Pedagógica de Maputo.

A cultura e o ambiente social de nossos pais e a relação deles entre si, no seio da qual nascemos, crescemos e estabelecemos nossa identidade e identificações, têm uma influência substancial, que nos é inconsciente, na transmissão, de uma geração a outra, da intolerância e da violência, não só no nível individual, mas também entre povos e nações.

Suponho que há uma compulsão por repetir inconscientemente o imperativo paterno – denegado, recalcado ou cindido e projetado identificatoriamente – que está na base, também inconsciente, do mito fundador da cultura ocidental. Este mito conta a história e o fundamento da intolerância e da violência em nossas relações com o estrangeiro, através da escritura das palavras e ações do nosso pai mítico, onipotente: Deus/lahweh/Allah.

Desaprender a intolerância

A maioria ou, talvez, toda violência social é intimamente ligada à figura paterna, à imagem idealizada do pai primordial. Um desafio para o nosso trabalho e futuro, assim como de nossos filhos e netos, será desaprender a intolerância e aceitar a humanidade do diferente de nós e abdicar do prazer de matar e de fazer calar.

Matar é um impulso primitivo do ser humano macho que dá prazer em sua realização. Sugere um resto animal. Contida a ação e reprimido o impulso, a irritação e o mal-estar são o testemunho da tensão desagradável acumulada. O que fazer, então, para o bem-estar comum, apesar da frustração pulsional, com sua intensidade energética contida, não descarregada na violência ou na satisfação sexual imediata?

Idealmente, poderia ser sublimada em obra comum e reparadora por parte dos descendentes dos perpetradores ou conquistadores e de suas vítimas. Neste sentido o trabalho de Deena Harris com os descendentes de nazistas e do Holocausto é precioso.

Por outro lado, a arte apresenta-se como um dos meios para aproximação de campos antagônicos e incomunicáveis.

A obra de arte como fenômeno transicional, como objeto intermediário, tem grande potencial para a elaboração e sublimação de ansiedades esquizoparanoides manifestas em conflitos sociais mudos, surdos e denegados. Arte como obra pública interferindo na dinâmica da cidade e de seus habitantes.

A realização da obra como uma escultura social, envolvendo diversos representantes antagônicos e de diferentes tendências religiosas e políticas, em convívio comunitário, construindo uma nova realidade – a obra e o próprio processo de sua construção –, cria uma nova visão de mundo advinda de um processo criativo compartilhado. O exemplo paradigmático é a orquestra Divan, composta por jovens palestinos e israelenses, criada por Daniel Barenboim e Edward Said.

A psicanálise aplicada às origens míticas da violência, do preconceito e da intolerância na civilização ocidental

Se nós formos capazes de discutir livremente o que vem sendo repetido em ações, se recobrarmos nossa memória verbal perdida, a qual está condensada em nossos mitos de origem e nos seus efeitos pós-traumáticos, nós seremos capazes de romper barreiras em nossa psique e contribuir para a abertura de uma discussão global, entre os homens de cultura e boa vontade, daquilo que até agora vem se mantendo reprimido e dissociado e denegado em nosso psiquismo e ações.

Aplicar a psicanálise à nossa civilização contemporânea implica a análise do monoteísmo e dos mitos bíblicos. Esses mitos foram incorporados muito facilmente, irrefletidamente, entre o povo comum, mas nós concordamos com Freud que a religião é uma neurose da humanidade.

É muito facilmente esquecido que o nascimento de Deus, seu desenvolvimento, seu caráter, suas ideias e suas ações podem ser conhecidos e acompanhados da mesma forma que nós podemos interpretar qualquer personagem literário.

A prontidão para matar, a violência contra o outro – o estrangeiro, o diferente – e contra aquele que não se submete ao ideal paterno e, talvez, mesmo a origem do Terror como um imperativo político são muito bem descritas na Bíblia e podem ser interpretadas e discutidas a partir de um ponto de vista psicanalítico.

Algumas notícias contemporâneas a propósito da abertura ao conhecimento

No artigo “Breaking the chains” (do inglês, “Rompendo as correntes”), publicado no jornal *The Economist*, lemos: “O sentimento de culpa provou ser o calcanhar de Aquiles do tráfico de escravos na Europa. A tarefa dos abolicionistas foi apenas *expor publicamente a realidade* [destaque meu] aterrorizante do tráfico a um público ignorante” (Evans, 2007, parágrafo 16, tradução livre).

Discurso do presidente da IPA na ONU em 2006

Nós sabemos que reduzir a divisão social e a projeção do ódio são importantes mecanismos para a coesão social. Isto requer encontrarmos meios para implementar a difícil tarefa de ouvir o outro, seja ele estranho ou mesmo inimigo. Foi Freud que abordou como este “estranho” é, de fato, alguém que representa uma não desejada e escondida parte de nós mesmos. Um bom exemplo de escutar o outro foi recentemente estabelecido pela Fundação Barenboim-Said através da música. Crianças palestinas e israelenses aprenderam como escutar umas às outras e tocarem juntas. (Eizirik, citado por Pender, 2007, p. 508, tradução livre)

Palavras-ação do pai: o início mítico

Eu passarei na terra do Egito, naquela noite, Eu ferirei todo primogênito do Egito, do humano ao animal ... Este dia será para vós um memorial: vós o festejareis, uma festa

para lawhe... Regra de perenidade, vós o festejareis. (*A Bíblia: nomes...*, 1992/1996, Êx. 12:12-14)

E assim, à meia noite: lawhe golpeia todo primogênito na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, sentado em seu trono, até o primogênito do cativo, na casa do fosso, e todo primogênito de animal. Não, não há nenhuma casa onde não havia um morto. (*A Bíblia: nomes...*, 1992/1996, Êx. 12:29-30)

Até hoje esses atos são reconhecidos como heroicos e comemorados em honra e gratidão a nosso Pai, a quem tomamos como exemplo e guia e ao qual procuramos nos submeter em obediência e adoração.

As fantasias de pureza, de um eu ideal superior e de favorecimento amoroso por nosso pai são projetadas na figura de Deus, o qual criamos por nossa conveniência pessoal e grupal e torna justificável o livre curso de nossos ideais infantis onipotentes e de nossas paixões narcísicas, sádicas e assassinas, que fazem parte das fantasias de todas as crianças pequenas. Lembremo-nos que o Pai, Deus, foi criado pelos filhos focados em seus próprios interesses nacionais narcísicos primitivos: conquista e submissão dos outros povos, homogeneidade e pureza.

Começa a conquista! ... Provoca-o à luta! A partir de hoje começo a espalhar o terror e o medo de Ti em meio aos povos que existem sob o céu. Eles ouvirão a Tua fama, tremarão de medo diante de Ti e desfalecerão. (*A Bíblia: palavras...*, 1992/1996, Dt. 2:24-25)

Apossamo-nos então de todas as suas cidades e sacrificamos cada uma delas como anátema: homens, mulheres e crianças, sem deixar nenhum sobrevivente. (*A Bíblia: palavras...*, 1992/1996, Dt. 2:34)

A transmissão transgeracional inconsciente da intolerância e da violência

Em nível individual, observa-se uma espécie de identificação direta dos filhos com a memória traumática dos pais. Parecem movidos como que por um sentimento de obrigação inconsciente. É como se a história de um outro, o pai, estivesse projetada na criança como um corpo estranho com o qual ela se identifica e ao qual se submete sem qualquer visão crítica. É uma identificação de tal forma incorporada que se torna independente da manutenção de forças repressivas atuais.

O passado e as versões traumáticas dos pais e seus mitos nacionais se misturam com a vida contemporânea dos filhos, podendo levar a uma falta de sentido da própria vida, exceto pelo sentido de dar continuidade ao trauma de seus pais, independentemente de toda cultura humanística que porventura tenham. Constitui-se um pacto de silêncio e denegação, podendo levar toda uma geração a perder a capacidade de falar e refletir sobre a própria história e sobre seu presente.

O trauma transgeracional expressa-se basicamente pela tendência de manutenção de uma cortina de silêncio e pela tendência à *repetição da experiência*

traumática em uma das suas três formas: (1) *vitimização*; (2) *alienação*; e/ou (3) *inversão do papel traumático*.

O processo de elaboração do trauma principia pelo compartilhamento público dos fatos experimentados pessoalmente e as teorias a respeito do acontecido. Essa retomada do contato com o passado traumático pessoal e sua memória através da fala compartilhada não devem ser objetos de interpretação.

O reconhecimento público, institucional e governamental é peça fundamental para a elaboração do trauma extremado. É a esse processo que denominamos elaboração, do qual é parte integrante o restabelecimento da justiça e de um novo começo. Todos nós devemos empenhar-nos para desfazer a “conspiração do silêncio” (Wiesel, 1958/2006).

Propostas

¿No será el arte consecuencia de una necesidad, hermosa y difícil, que nos conduce a tratar de hacer lo que no sabemos hacer?

...

¿No será el paso decisivo para un artista el estar con frecuencia desorientado?

– Eduardo Chillida, *Preguntas*

Não poderia, onde estão artista e arte, estarem psicanalista e psicanálise?

- 1) Criação de uma representação no nível da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) no Comitê da IPA na ONU ou em órgão a ser criado pelos países da CPLP, voltado especificamente para a promoção da paz em regiões traumatizadas ou envolvidas em conflitos determinados pela intolerância.
- 2) Introdução de conceitos psicanalíticos básicos e a teoria e a técnica da constituição do fenômeno transicional no trabalho de acompanhamento pós-traumas extremados para os alunos de faculdades de relações internacionais e de “*peacemakers*” em formação. Esta capacitação se daria através de cursos teóricos, como já experimentamos durante três anos nos ciclos de seminários e simpósios extracurriculares organizados na Ucam sob o título “A visão psicanalítica dos conflitos internacionais”.
- 3) Desenvolvimento de uma ação de campo integrada entre a psicanálise e os promotores profissionais da paz. A ação seria a constituição de um fenômeno transicional e o estabelecimento de um objeto transicional: uma obra de arte pública, de grande dimensão e impacto, a ser desenvolvida na área intermediária entre os grupos em pré ou pós-conflito.

Fragmentos clínicos

1) Logo no início de minha clínica, atendi uma jovem do interior do Rio de Janeiro, indicada pelo meu barbeiro.

Seria uma consulta terapêutica. Não havia quaisquer perspectivas por parte de

seus pais quanto a um processo psicanalítico, sequer sabiam o que era, não tinham dinheiro e moravam muito longe.

Veio a família. Mãe e pai, muito desconfiado, uma tia, uma prima mais velha e o cunhado. Gente humilde e conservadora. Ficaram lá embaixo, na sala de espera. O pai acompanhou-a ao alto da escada, à porta de meu consultório. Estava cega já havia algum tempo. Não enxergava.

Não recebi ninguém da família. Logo quando vi a garota sentada junto com os familiares, ficou evidente para mim a intensidade erótica de sua atmosfera, carne e postura. Era bem jovem e bastante atraente. Mais ainda pela sua “cegueira”.

Disse ao pai desconfiado que gostaria de ter inicialmente um contato a sós com ela e depois, se achasse necessário, chamaria os familiares para conversar.

A entrevista não seria paga. Entrou. Ficamos a sós. Anunciei a confidencialidade absoluta do que se passaria entre nós.

Ela em pé, sem falar.

Silêncio, mas não vazio. Transbordante de sensualidade e sedução. O corpo transmite energia silenciosa e comunicativa. Inconsciente para inconsciente com efeitos na carne.

Após um tempo de constrangimento, eu falei o quanto ela estava sexualmente excitada, como me atraía e como fantasiava aquele momento a sós comigo no consultório. Fantasias sexuais. Mas não queria ver o que sentia e imaginava. Não via para fingir que a coisa não existia e que ninguém via. Mas eu via.

Ficamos, em meio a estas poucas palavras, ditas em mais de um momento, aos poucos, por não mais que 45 minutos. Ela não se sentou, ficou circulando lânguida e lentamente.

Chegou um momento em que a tensão se esvaziou e não fazia mais sentido continuar. Ela não falou uma palavra sequer.

Fui à porta e fiz sinal para seu pai, que subiu as escadas e a acompanhou para irem embora. Agradeceu, e eu disse que, conforme fosse, eu entraria em contato com eles, ou que eles ou ela entrassem em contato comigo.

Não tive mais notícias até que, um mês depois, fui cortar o cabelo.

Fui recebido com festa na barbearia: a garota voltara a ver!

2) Era um garoto cuja agressividade reprimida configurava uma imago paterna de um homem gentil e delicado, muito bom e que o amava muito, mas com evidente ressentimento contra o mundo, além de fraco e submisso à sua mãe – a mãe do pequeno cliente. O garoto adorava futebol, mas não jogava nem na rua nem no campinho perto de casa por medo de faltas, pênaltis e brigas. E tornava sua casa o campo de jogo, criando constantes e complicadas brigas com o irmão e o pai. E enfrentamentos com a mãe.

Com o andamento de sua análise, o meu consultório virou o campo de jogo. Um consultório com aparência de um escritório de adultos, com muitos quadros e pequenos objetos sobre as estantes.

Durante esse período, sua análise e relação transferencial giravam em torno do jogo de futebol durante as sessões: as regras decididas por mim, o juiz, e suas contribuições e ideias aceitas, que tornaram possível jogarmos gol a gol, com uma bola de meia confeccionada por ele durante suas sessões e aperfeiçoada em casa.

Eu era o juiz, o parceiro na brincadeira e o rival. Nós tínhamos criado o jogo, para jogarmos e para brigarmos.

Muitas peripécias, certas dores musculares e meu cansaço às vezes interrompiam a partida.

Toda a sua agressividade e criatividade passaram a ter nesse jogo sua expressão eufórica e angustiada, especialmente quando, raramente, ele ganhava.

Pois bem, não importa muito o caso e sua evolução, mas o ato de criação advindo de um ato de violência. Durante uma partida, ele já sabendo muito bem as regras do jogo e os cuidados que precisávamos ter para não quebrar minhas coisas, num momento de raiva excitada pela disputa, deu um chute, “sem querer querendo”, e quebrou o vidro de um quadro.

Ficou apavorado e invocando mil desculpas e “sem-quereres”.

Eu fiquei quieto e muito chateado. O que fazer? Disse para ele como me sentia e que, embora sem querer querendo, ele tinha me quebrado o vidro do quadro, mas ainda bem que não tinha ferido o desenho.

Ele disse-me que iria consertá-lo. Eu disse que ainda bem.

Ele disse: “como?” Eu: “isso é contigo”. Ele: “você me ajuda?” E eu: “claro!”

Este diálogo ocorreu no espaço de algumas sessões.

Enfim, ele acabou conseguindo ceder e me pediu para ir com ele no moldureiro perto do meu consultório. Fomos juntos, no horário de sua sessão, e ele foi, com dificuldade, carregando o quadro. Lá, comigo ao lado, combinou o conserto, embora todo desconcertado. Corajoso.

Voltei para o consultório, ele para casa.

Pouco ou nada mais falamos sobre o moldureiro nas sessões seguintes, até que um dia ele me falou que estava pronto o conserto e fomos juntos buscá-lo. Ele pagou, e juntos penduramos o quadro novamente no seu lugar – que por vários dias ficara estranhamente vazio, como testemunho de uma ferida. Uma ferida que estava em processo de cicatrização silenciosa, em função de um árduo e comovente trabalho desenvolvido por ele. Com minha ajuda.

Pós-escrito^[5]

A integração de dois fragmentos clínicos, não ver e não falar: a cegueira da moça e a agressividade silenciada do menino contra o pai, ambos sintomas limitantes do exercício das capacidades potenciais dos dois adolescentes, complementam, com

5. De 16 de agosto de 2021.

a dimensão clínica psicanalítica, o trabalho apresentado, sem, entretanto, serem descritas associações de sentido entre os casos e o texto e, com isso, parecerem fora de lugar – entram direta e subitamente no fluxo da leitura, sem qualquer preâmbulo.

Este vazio ou falta de explicação entre um e outro é o estímulo à desconstrução de modelos de pensamento lineares já bem estabelecidos e à abertura aos pensamentos flutuantes que em cada leitura pessoal poderão ser incorporados, ou não, à solidariedade da clínica privada com as reflexões da extensão da psicanálise às questões sociais e religiosas.

Referências

- Awad, G. (2003). The minds and perceptions of “the others”. In S. Varvin & V. Volkan (Eds.), *Violence or dialog? Psychoanalytic insights on terror and terrorism* (pp. 153-176). Routledge.
- A Bíblia: nomes (Êxodo) (A. Chouraqui, Trad. e Coment.). (1996). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- A Bíblia: palavras (Deuteronômio) (A. Chouraqui, Trad. e Coment.). (1996). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Evans, M. (2007, 22 de fevereiro). Breaking the chains. *The Economist*. <https://econ.st/3BrFDmm>
- Freud, S. (1975). Um estudo autobiográfico. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 20. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)* (pp. 9-78). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Marinho, N. (2005). *Barbárie, terrorismo e psicanálise* [Artigo]. <https://bit.ly/3hXY2Q5>
- Parens, H., Mahfouz, A., Twemlow, S. W., & Scharff, D. E. (Eds.). (2007). *The future of prejudice: psychoanalysis and the prevention of prejudice*. Jason Aronson.
- Pender, V. B. (2007). Approaches to prevention of intergenerational transmission of war, hatred and violence. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88(2), 507-514.
- Wiesel, E. (2006). *Night*. Hill & Wang. (Trabalho original publicado em 1958)

Miguel Sayad

Endereço: Ladeira do Ascurra, 55, Cosme Velho. Rio de Janeiro/RJ.
 CEP: 22241-320
 Tel.: (21) 98134-4030
 E-mail: miguelsayad.psi@gmail.com